

**PANDEMIA DE COVID-19 – UMA CRISE SANITÁRIA
E SOCIAL: EFEITOS DISCURSIVOS DO NEGACIONISMO
DE FIGURAS DE PODER**

Pedro Renato Teixeira Baptista (UENF)
pedrorenatouenf@gmail.com

Adriana Beatriz Levone Affonso (UENF)
adrianabeatrizuenf@gmail.com

Elizabeth da Conceição Carvalho Nunes (UENF)
eliza.c.c.nunes@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)
chmsouza@gmail.com

RESUMO

A situação pandêmica provocou a perda de empregos e a diminuição de renda das pessoas, sobretudo no Brasil, o que afeta diretamente a segurança social dos indivíduos. Mobilizamos, a partir do referencial que aborda a linguagem como prática social, os significados construídos por discursos negacionistas na figura do presidente Jair Bolsonaro, ante a crise sanitária e social ocasionada pela pandemia de Covid-19. Nossa questão de pesquisa busca compreender como os discursos de figuras de poder podem contribuir para o aumento de crises, face à sua negação. Nossa metodologia se baseia na construção de uma pesquisa de natureza qualitativa, com a análise discursiva de dois pronunciamentos proferidos pelo então presidente, que tiveram como objetivo desacreditar os riscos da disseminação do vírus no país. Além disso, articulamos nossa investigação à revisão de trabalhos com a temática próxima, buscando demonstrar como diferentes estratégias discursivas podem contribuir para o aumento de crises como a de Covid-19, agravando a situação, mesmo com discursos contrários e advindos de instituições sérias de pesquisa e contenção. A análise do discurso compreende os efeitos das construções ideológicas presentes nos enunciados que embasam a interação humana. Nossos resultados mostram que as principais estratégias discursivas utilizadas se voltam à diminuição da gravidade da pandemia.

Palavras-chave:

Negacionismo. Discursos de poder. Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

The pandemic situation caused the loss of jobs and a decrease in people's income, especially in Brazil, which directly affects the social security of individuals. We mobilize, from the framework that addresses language as a social practice, the meanings constructed by denialist discourses in the figure of President Jair Bolsonaro, in the face of the health and social crisis caused by the Covid-19 pandemic. Our research question seeks to understand how the speeches of power figures can contribute to the increase of crises, in the face of their denial. Our methodology is based on the construction of a qualitative research, with the discursive analysis of two statements made by the then president, which aimed to discredit the risks of the spread of the virus

in the country. In addition, we articulate our investigation to the review of works with the next theme, seeking to demonstrate how different discursive strategies can contribute to the increase of crises such as Covid-19, aggravating the situation, even with contrary discourses and coming from serious institutions. Search and containment. Discourse analysis understands the effects of ideological constructions present in the statements that support human interaction. Our results show that the main discursive strategies used are aimed at reducing the severity of the pandemic.

Keywords:

Denialism. Power speeches. Covid-19 pandemic.

1. Introdução

A temática desse trabalho se articula aos domínios discursivos que surgiram durante a deflagração da pandemia de Covid-19. A pandemia reverbera na perda de empregos, diminuição de renda e aumento da insegurança social. Assim, considerando a linguagem como prática social, indicamos, a partir dos discursos veiculados pelo presidente Jair Bolsonaro, os significados capazes de serem produzidos por esses discursos, buscando aumentar a precariedade da crise instalada. Buscamos responder: como os discursos de figuras de poder podem contribuir para o aumento de crises, face à sua negação?

A Covid-19 faz aumentar a insegurança social na qual nosso país já estava inserido. A situação se torna ainda mais complicada a partir da instalação da situação pandêmica. É nesse âmbito que a esfera discursiva deve ser analisada. Conforme Moretti, Guedes-Neta e Batista (2020, p. 33):

No mundo contemporâneo, repleto de avanços científicos, nos acostumamos a pensar, ou imaginar, que temos algum controle sobre a segurança social, sobre as doenças e a morte. É neste ínterim que irrompe o caos da COVID-19 e desvela nossas inseguranças e fragilidades. Por tanto tempo estivemos presos às nossas certezas, ou a personalidades que afirmavam saber tudo, que afirmavam conhecer a verdade sobre o viver e o morrer humano, que nos desconectamos de nós mesmos. Nossas certezas caíram por terra, as pessoas símbolos de maior conhecimento, mesmo que revestidas por convicções fundamentais, não sabem mais dizer os próximos passos, temem que seus discursos estejam em desacordo com desdobramentos futuros e, por isso, calam-se ou limitam-se a poucas e silenciosas reflexões. (MORETTI; GUEDES-NETA; BATISTA, 2020, p. 33)

Como metodologia de pesquisa, indicamos a realização de um estudo qualitativo baseado na análise de dois discursos proferidos pelo então presidente. Esses discursos buscaram desacreditar a crise causada pela pandemia e desacreditar os seus riscos, desincentivando medidas de

prevenção como a vacinação e o distanciamento social. Também trazemos as contribuições de trabalhos que se voltam à essa temática, entendendo a análise do discurso como um importante recurso para a compreensão das relações de poder e ideologias presentes nas interações sociais.

A presente pesquisa está organizada da seguinte maneira: inicialmente estabelecemos algumas considerações sobre a pandemia de Covid-19, o aumento da desigualdade gerada pela mesma e o negacionismo do presidente neste período. Em seguida apresentamos nossa metodologia de pesquisa. Posteriormente apresentamos nossas análises e, finalmente, desenvolvemos algumas considerações.

3. *Pandemia, negacionismo e desigualdade social*

A pandemia de Covid-19 representa um momento de insegurança e tensões em diferentes âmbitos da vida humana. Deflagrada como pandemia no início de 2020, a Covid-19 é causada pelo vírus SARS-CoV-2 e é proveniente de Wuhan, na China, com o primeiro caso notificado ainda no final de 2019. Além das inúmeras mortes provocadas pela doença, sobretudo de pessoas idosas e com comorbidades que se intensificam com o contato com o vírus, a Covid-19 nos trouxe não apenas o medo da morte e da perda de entes queridos, mas também, a triste realidade que mostra o quanto outros aspectos da vida humana foram por ela afetados com o desgaste da economia de vários países e também a insegurança alimentar. É possível afirmar que a situação pandêmica provocou a perda de empregos e a diminuição de renda das pessoas, sobretudo no Brasil, o que afeta diretamente a segurança social dos indivíduos.

Nossa sociedade capitalista está acostumada com uma intensa corrida, acostumados na disputa por diferentes tipos de aquisições como carreiras, relacionamentos, itens duráveis e não duráveis, dentre outros. Em um curto espaço de tempo, todos estávamos confinados em nossas casas, ou aumentos aqueles que contavam com esse privilégio, e o mundo se tornou um pouco mais lento e calmo, sem tantos carros ou pessoas nas ruas. Contudo, esse mesmo cenário que, por um lado visa preservar a vida, também impactou substancialmente na economia de nosso país, fazendo com que muitas famílias perdessem as rendas alcançadas.

Fomos instantaneamente ‘transportados’ para um ‘novo normal’ demarcado por classes sociais, por meio das quais alguns profissionais puderam se distanciar e desenvolver suas atividades laborativas em suas casas e, a outros, este mesmo direito foi negado. O mesmo ocorre no âm-

bito da educação, em que a falta de acesso à internet ou a dispositivos como *tablets* ou *smartphones* tornaram muitos estudantes alheios ao espaço escolar, dificultando seu desenvolvimento. Há ainda que citar as ações solidárias em todo o país para a compra de cestas básicas e kits de higiene pessoal para as famílias mais necessitadas. A Covid-19, dentre outras medidas, se combate pela higienização e, a muitos, até isso foi negado.

Dados já apontam que a pandemia de Covid-19 é também uma pandemia de desigualdade. De acordo com Brasil (2021), pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostram que o percentual de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza em 2019 era de 10,97%, com 23,1 milhões de pessoas nesta situação. No primeiro trimestre de 2021, esse índice subiu para 16,1%, tornando 34,3 milhões de pessoas mais pobres, o que lhes dificulta o acesso alimentar e capacidades mínimas de manutenção da qualidade de vida como o direito à moradia e ao emprego, por exemplo. A renda dos brasileiros também caiu em uma razão de 9,4% em 2019 para -21,5% em 2021. Esse dado é explicado pelo aumento do desemprego no período. A região brasileira mais atingida foi a região nordeste, cujos moradores obtiveram -11,5% em sua renda.

O cenário é preocupante e cabe questionamentos sobre a capacidade de nossas instituições públicas para assegurar os elementos básicos que estão presentes em nossa Constituição Federal (Cf. BRASIL, 1988) como trabalho e moradia digna. Assim, esse capítulo busca problematizar algumas reflexões sobre a manutenção da segurança social em tempos pandêmicos, sobretudo, face às novas variantes do coronavírus que acometem nossa população. De acordo com Porsse *et al.* (2020) a economia no país vem sofrendo com a diminuição dos postos de trabalho, decorrentes das taxas de morbidade e mortalidade, ocasionando em uma redução em 35% do Produto Interno Bruto (PIB) no país.

É possível considerar que a pandemia de coronavírus não impacta apenas a saúde dos brasileiros. Ela proporciona uma crise que se reflete em diferentes vias e buscamos nesta seção apresentar alguns e seus impactos. Uma das principais maneiras de contenção do vírus, o distanciamento social, fez com que muitos brasileiros se mantivessem em suas casas, visando evitar o contágio e a transmissão. Em muitos casos, algumas atividades permaneceram em funcionamento no sistema home *office*, mas em outros, essa condução não foi possível. Assim, vemos em muitas pesquisas como a população de classes mais baixas têm sofrido com a con-

taminação, uma vez que a estes não foi permitido deixar seus postos de trabalho.

Marques e Raimundo (2021) abordam os efeitos do negacionismo científico na pandemia indicando os prejuízos que este causa ao bem estar da população em nosso país. Durante o advento da pandemia algo que ficou nitidamente claro foi a expansão das chamadas *fakenews*, fruto do grande número de informações veiculadas em diferentes mídias. Além disso, o discurso de ódio se tornou latente, juntamente ao desprezo pela vida humana, ensejando o que os autores denominam com *pós-verdade*. De acordo com os autores:

[...] o discurso negacionista questiona o valor histórico do conhecimento científico, dos argumentos racionais e da experiência adquirida ao longo dos anos, ao defender a ideia de que todas as opiniões têm o mesmo valor. Nesse sentido, vale-se de versões discursivas fragmentadas e anacrônicas para alavancar o antagonismo a fim de explicar qualquer fato, seja social ou natural, como tendo igual poder explicativo, pondo o senso comum, na maioria das vezes, como argumento de igual valor para contradizer o conhecimento científico. (MARQUES; RAIMUNDO, 2021, p. 3)

O discurso, conforme aborda o fragmento acima, tem um valor fundamental nesse contexto, já que a forma como ele se constrói implica em diferentes aspectos da vida humana, no caso em tela, repercutindo no ato de se vacinar ou não e, principalmente, adotando outras medidas como o distanciamento social ou não como uma forma de prevenção da Covid-19. Assim, cientistas são desacreditados largamente, estudos sem validação científica são veiculados como se verídicos fossem e opiniões se sobressaem. Por esse motivo, entendemos como importante as discussões sobre a forma como os discursos impactaram as ações sociais e, principalmente, repercutiram para o aumento das desigualdades sociais em nosso país. Passamos à nossa metodologia de pesquisa.

4. Metodologia

Nossa metodologia se baseia na construção de uma pesquisa de natureza qualitativa, com a análise discursiva de dois pronunciamentos proferidos pelo então presidente que tiveram como objetivo desacreditar os riscos da disseminação do vírus no país. Articulamos nossa investigação à revisão de trabalhos com a temática próxima, buscando demonstrar como diferentes estratégias discursivas podem contribuir para o aumento de crises como a de Covid-19, agravando a situação, mesmo com discursos contrários e advindos de instituições sérias de pesquisa e contenção.

A análise do discurso compreende os efeitos das construções ideológicas presentes nos enunciados que embasam a interação humana. Durante o período pandêmico, principalmente nos meses mais duros da pandemia, foram comuns os discursos negacionistas e as *fakenews*, materializando-se de diferentes maneiras. Para Marques e Raimundo (2021):

Esse movimento é notável, pois se dá a partir da construção de um relato completamente falso, de uma notícia de um fato que nunca aconteceu, e sua apresentação nos moldes do discurso jornalístico trazendo a ideia de que a grande mídia escondem os fatos que deveriam ser de conhecimento de todos. Assim, a força das *fakenews* reside na incapacidade ou desinteresse das pessoas em diferenciar um tipo de informação de outra, atribuindo o mesmo grau de confiabilidade a conteúdos distintos apenas pela aparência do conteúdo informacional. (MARQUES; RAIMUNDO, 2021, p. 6)

Amarante (2021) acredita que a desinformação é utilizada, inclusive, como estratégia política, em diálogo com Marques e Raimundo (2021), considerando que as falas do presidente no período foram construídas a partir de informações imprecisas e insustentáveis. Para nos auxiliar metodologicamente, utilizamos a Análise Crítica do Discurso, pautada em Fairclough e Melo (2012), que entendem os discursos a partir de sua vinculação aos fatores sociais expressos por meio de quem profere os enunciados construídos.

De acordo com Fairclough e Melo (2012):

A [análise crítica do discurso] ACD é a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. Essa disciplina preocupa-se particularmente com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro da rede de práticas. O papel da semiose nas práticas sociais, por sua vez, deve ser estabelecido por meio de análise. A semiose pode ser mais importante e aparente em determinada ou determinadas práticas do que em outras, e sua importância pode variar com o passar do tempo. (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 309)

Neste sentido, não podemos separar as falas analisadas dos fatos e fenômenos sociais a partir dos quais essas falas foram produzidas. É por meio do uso da língua que diferentes estruturas são construídas e reforçadas, sobretudo, as que buscam de alguma forma a manutenção do poder. Esses discursos são envoltos em relação de submissão e/ou concordância e resistência. A seguir delineamos algumas considerações sobre dois discursos do atual presidente sobre a pandemia indicando alguns pontos que merecem atenção, bem como, refletindo sobre os efeitos desses discursos na realidade social.

5. *Pandemia e negacionismo: esboços analíticos*

Passamos a abordar a análise realizada. É importante ressaltar que o período pandêmico é marcado por diferentes discursos que impactaram e ainda impactam diferentes ações dos indivíduos. Foi comum ver o presidente em redes sociais ou mesmo na televisão abordando opiniões contrárias daquelas expressas por cientistas, médicos, sanitaristas e outros profissionais que se ocupam da saúde pública. Desde o início da pandemia, o presidente rechaçou veemente o distanciamento social e lançou dúvidas sobre a efetividade e segurança da vacina que estava sendo desenvolvida por diferentes países.

Destacamos duas oportunidades em que o atual presidente discursou contra o risco causado pelo vírus. O primeiro que trazemos é também o primeiro discurso do presidente sobre o tema, momento em que ele diminuiu a importância dos processos de prevenção e tratamento, explicando ainda que ele tem histórico de atleta e, por isso, não seria acometido, ou teria sintomas leves. Vejamos o que ele disse:

O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. (Transcrição uol notícias – 2020)

É possível verificar no fragmento acima que a economia é um aspecto muito abordado na fala de Bolsonaro que indica a importância da preservação do sustento das famílias. A massa produtiva do país, é representada pelas pessoas com menos de 40 anos, de acordo com a fala dele, deveria permanecer ativa, já que a Covid-19 acometeria apenas aqueles com mais de 60 anos ou com morbidades prévias. As recomendações do Ministério da Saúde seriam então constituídas de duas frentes: uma para aqueles com idades até 40 anos e outra para os que têm acima de 60 anos, não cabendo a paralisação dos serviços e atividades econômicas já que seriam as pessoas com até 40 anos que sustentariam tais atividades. Em um segundo momento de sua fala, Bolsonaro se utiliza de seu exem-

plo pessoal para ilustrar que os efeitos da Covid-19 não lhe fariam mal algum, já que apesar de idoso ele teria um *histórico de atleta*.

Os discursos de Bolsonaro podem ser considerados, conforme entende Amarante (2021) no mínimo contraditórios, já que:

Em 21 de maio, Bolsonaro disse que, devido à sua idade, 65 anos, também precisaria ter cuidado com o novo coronavírus, pois estava no grupo de risco. Mas as suas atitudes iam justamente no sentido oposto, subestimando desde o início a doença e causando aglomeração em vários momentos. (AMARANTE, 2021, p. 61)

Ocorre que essa não é um fator de tão fácil interpretação já que a pandemia se estruturou a partir de diferentes fases e condicionantes que estão além da vida pregressa dos infectados. Foucault (1997) explica que os discursos políticos não devem ser analisados de forma isolada, a partir de declarações individuais, já que eles se estruturam a partir da manutenção do poder e hegemonia, considerando a reprodução de uma dada visão de mundo.

A segunda fala que trazemos é o momento em que Jair Bolsonaro realiza um discurso antivacina, dizendo que não se responsabiliza pelas possíveis consequências causadas pela vacina da Pfizer. Conforme já abordamos, esses discursos geram a instabilidade social, fazendo com que muitas pessoas passem a pensar e a se comportar como o presidente, colocando sua vida em risco. Nessa oportunidade ele disse:

[...] lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu [...] se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas [...] alguns falam que estou dando péssimo exemplo. O imbecil, o idiota, que está dizendo. Eu já tive o vírus, já tenho anticorpos. Para quê tomar a vacina de novo? (Trechos transcritos – ISTOÉ, 2020)

O fragmento acima mostra a retórica estabelecida por Bolsonaro ao criticar a preocupação da população na busca pela vacina. Em sua opinião seria perigoso que as pessoas se vacinassem a partir da administração de um medicamento sobre o qual nada se sabia concretamente ainda. Então, diversos discursos que se afinam com a homofobia e misoginia passam a se constituir. “O seu objetivo ao negar a realidade era defender a volta à normalidade da atividade econômica, mesmo quando a orientação médica era a quarentena e o distanciamento social” (AMARANTE, 2021, p. 64).

Ao analisar os discursos do presidente entre janeiro e setembro de 2020, Amarante (2021) indica uma tendência de queda nas menções sobre o contexto pandêmico na medida em que os meses passaram nas entrevistas concedidas, principais formas por meio das quais Bolsonaro expressou suas opiniões sobre o tema. Esse movimento é expresso no gráfico 1:

Gráfico 2: Periodização dos discursos sobre a pandemia



Fonte: Amarante (2021, p. 58).

Como é possível depreender do gráfico 1 a maioria das menções sobre a pandemia em suas falas foram proferidas entre março e junho, coincidindo com o aumento no número de casos e mortes no Brasil. Conforme aborda:

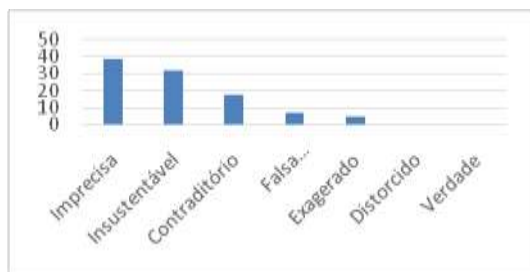
Esse período ficou marcado pelo aumento no número de casos e mortes; pela aprovação do auxílio emergencial; pela saída de dois ministros da Saúde; e por medidas de restrições de circulação nos estados e municípios, após uma decisão do STF [supremo tribunal federal] dar autonomia às autoridades dos entes federados para decretar as medidas que julgassem necessárias para conter a propagação do vírus. Boa parte das declarações do presidente criticava as iniciativas de governadores e prefeitos em decretar as medidas necessárias de distanciamento social, ou lockdown; defendia, sem comprovação científica, o fármaco hidroxiquina para tratar a doença; e minimiza os efeitos clínicos da covid-19, alertando para os riscos de desemprego e fechamento de empresas. (AMARANTE, 2021, p. 58)

É preciso destacar, para além das menções ao tema, as reações promovidas em público pelo presidente como posar com o medicamento hidroxiquina em fotos ou aparecer publicamente retirando sua máscara, uma das poucas formas de combate ao vírus nos primeiros meses em que a pandemia foi deflagrada. “O Twitter foi outra mídia social usada por Bolsonaro para tratar da covid-19. A plataforma aparece em terceiro lugar, com 111 declarações registradas entre os meses de janeiro e setembro” (AMARANTE, 2021, p. 60). Foi popularizado um discurso que criticava as medidas tomadas para a proteção da população,

sobretudo o lockdown que para o presidente traria ao país o desemprego, a fome e também a miséria.

As declarações também foram sumarizadas por esse autor, tendo em vista os tipos de desinformação, expressos a partir do gráfico 2:

Gráfico 3: Declarações por tipo de desinformação.



Fonte: Amarante (2021, p. 61).

Ao refletirem sobre os prejuízos causados por esse movimento de desinformação durante a pandemia de Covid-19, Tavares, Oliveira Júnior e Magalhães (2020) expressam suas preocupações, sobretudo quanto às feridas sociais que marcam os países mais assolados pelo efeito do vírus como o Brasil. Quando uma figura de poder como o presidente da república mostra à população que tem um posicionamento contrário sobre o tema diferente do posicionamento predominante em discursos como os dos cientistas e outros países, há a demarcação clara do aspecto que deve ser priorizado conforme sua ótica: a economia.

A mídia repercute na proliferação de discursos de adesão ou rejeição desse posicionamento já que ela “(...) tem um papel essencial nas nossas vidas, para informar, expor ideias, alertar e até mesmo, dependendo do tipo de informação, alienar os telespectadores” (TAVARES; OLIVEIRA JÚNIOR; MAGALHÃES, 2020, p. 11). Podemos aprender ao longo deste período que o discurso não é algo neutro e sobre o qual os indivíduos podem ficar imunes ao longo do tempo. Ainda sofremos os efeitos da pandemia e os desacertos do governo brasileiro. Passamos as nossas considerações finais.

6. Considerações Finais

Concluimos que as estratégias discursivas usadas por Jair Bolsonaro buscaram a redução e o apagamento da gravidade do vírus que rapidamente se disseminou por nosso país. Os discursos de poder favorecem a transmissão de estruturas ideológicas e a quebra de confiança entre a população e os institutos de pesquisa e demais organizações que enfocam o contrário.

As principais estratégias discursivas utilizadas se voltam à diminuição da gravidade da pandemia, fato que pode contribuir para o aumento da contaminação, bem como, a negação, pela população, da imunização. Os discursos de poder favorecem a transmissão de estruturas ideológicas e a quebra de confiança entre a população e os institutos de pesquisa e demais organizações que enfocam o contrário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, E. A desinformação como estratégia política: uma análise dos discursos presidenciais durante a pandemia da Covid-19. *Aurora: Revista de arte, mídia e política*, v. 14, n. 40, p. 48-67, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/53087/pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

BRASIL. C. I. do. FGV: mais pobres sofrem maior impacto na pandemia. O índice de Gini, que mede desigualdade, atingiu 0,640 no 2º trimestre. *Agência Brasil*. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-09/fgv-mais-pobres-sofrem-maior-impacto-na-pandemia>. Acesso em: 16 mar. 2022.

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. de. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. *Linha d'água*, 25(2), 307-29. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728/51460>. Acesso em: 26 out. 2022.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MARQUES, R.; RAIMUNDO, J. A. O negacionismo científico refletido na pandemia da COVID-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 7, n. 20, p. 67-78, 2021. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/410>. Acesso em: 26 out. 2022.

MORETTI, S. de A.; GUEDES-NETA, M. de L.; BATISTA, E. C. *Rev Enfermagem e Saúde Coletiva*, 4(2), p. 32-41, Faculdade São Paulo – FSP, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4889287&pid=S2318-9282202100010000300032&lng=pt. Acesso em: 25 out. 2022.

PORSSE, A. A. *et al.* Impactos econômicos da Covid-19 no Brasil. *Nota Técnica NEDUR-UFPR 01-2020*. Versão nº 01, 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://nedur.ufpr.br/wp-content/uploads/2020/04/nota-tecnica-nedur-ufpr-01-2020-impactos-economicos-da-covid-19-no-brasil.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

TAVARES, L. P.; OLIVEIRA JÚNIOR, F. L. de; MAGALHÃES, M. Analysis of President Jair Bolsonaro’s speeches in the midst of the pandemic: is the coronavirus just a “little flu”?. *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 9, n. 7, p. e609974469, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4469>. Acesso em: 26 oct. 2022.